

julho/setembro de 2016

Missionária da

SAGRADA FACE

BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

Revista trimestral das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires
Autorização do Tribunal de Roma nº 201/2009 de 18/06/2009 – Via Asinio Pollione, 5 – 00153 ROMA – Tel. 06.5743432
ANO XXII – Nova Série

126



Poste Italiane SpA - Roma - Tel. 06.47811 - Fax 06.47812 - E-mail: posta@posteitaliane.it - Pagine Gialle - Roma - Tel. 06.47811 - Fax 06.47812 - E-mail: posta@posteitaliane.it - Pagine Gialle - Roma - Tel. 06.47811 - Fax 06.47812 - E-mail: posta@posteitaliane.it



A EUCARISTIA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS: IMAGINEMO-LOS! <i>Cardeal Angelo Comastri</i>	3
RELATÓRIO DO PADRE LEONARDO SCARINCI <i>Primeira parte</i>	7
NÃO UMA IDEIA, MAS UMA FACE: A FACE DE JESUS <i>Paolo Rizzo</i>	12
A CHEGADA DA SAGRADA FACE A LUCCA	15
NOS POBRES O REFLEXO DE CRISTO <i>padre Luca Maria Di Girolamo</i>	16
DAS CARTAS DA BEATA	18
TRÍDUO À SAGRADA FACE DE JESUS	19

Com a aprovação do Vicariato de Roma
Diretor: Aldo Morandin
Para solicitar a vida, as imagens da Beata como sinal de graças e favores obtidos por sua intercessão, favor contatar:
Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires - Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma - Email: madrepierina@gmail.com
- C/C postale 82790007 / - C/C bancario: IBAN IT84C020080329800004059417 - em UNICREDIT BANCA
Design e layout: Lello Gitto - Foggia
Tipografia Ostiense - Roma - Via P. Matteucci, 106/c
Acabado de imprimir no mês de julho de 2016

Para os amigos e devotos da Sagrada Face há mais um motivo para festejar juntos: a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, com decreto de 16 de maio de 2016, notificou à Madre Nora Antonelli, superiora-geral da Congregação das Filhas da Imaculada Conceição de Buenos Aires, a inserção no Calendário próprio do Instituto da celebração da Sagrada Face de Nosso Senhor Jesus Cristo, na terça-feira que precede o início da Quaresma, com o grau de memória. Para os textos da Missa serão usados os que já foram aprovados pela Congregação beneditina das irmãs reparadoras da Sagrada Face de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem estiver interessado em mandar celebrar a Missa própria na paróquia ou nalgum santuário ou capela pode enviar o pedido à nossa redação.

Ao festejar a Sagrada Face, recordamos também a Virgem Maria, que nos meses de agosto e setembro é celebrada em várias ocasiões, começando pela solenidade da Assunção ao Céu, a 15 de agosto, Nossa Senhora da Neve, a 5 de agosto, Nossa Senhora das Dores, a 15 de setembro. Não esqueçamos que se celebra a 11 de setembro a memória litúrgica de Maria Pierina De Micheli. Naquele dia nos uniremos em volta da Mesa eucarística para festejar a nossa Beata e pedir-lhe as graças de que precisamos, sobretudo a de sermos de nós discípulos do Mestre.

A fim de nos prepararmos para esta celebração litúrgica, pensamos em publicar o relatório do beneditino silvestrino Leonardo Scarinci inserido no processo

canônico de beatificação da Madre Maria Pierina. O religioso foi uma testemunha privilegiada que pôde confirmar a heroidade das virtudes da Beata. Ele refere com abundância de pormenores acerca de alguns episódios da vida da Madre e no-la descreve com grande objetividade.

Por conseguinte, renovemos a nossa oração ao Senhor, para que nos conceda poder ver depressa a sua canonização.

A redação



A EUCARISTIA DOS PRIMEIROS CRISTÃOS: IMAGINEMO-LOS!

Publicamos a homília do Cardeal Angelo Comastri, vigário-geral de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano, arcebispo da basílica papal de São Pedro, pronunciada na solenidade do Corpo de Cristo, na quinta-feira 26 de maio de 2016, na basílica Vaticana.

Depois da Ascensão de Jesus ao céu, os apóstolos voltavam com frequência ao cenáculo: ali tudo ainda falava de Jesus, ali cada objeto se tornava recordação d'Ele.

Mas, sobretudo, o lugar vazio que Jesus tinha ocupado à mesa, suscitava uma grande nostalgia.

Não sabemos qual foi, mas certamente um dia,

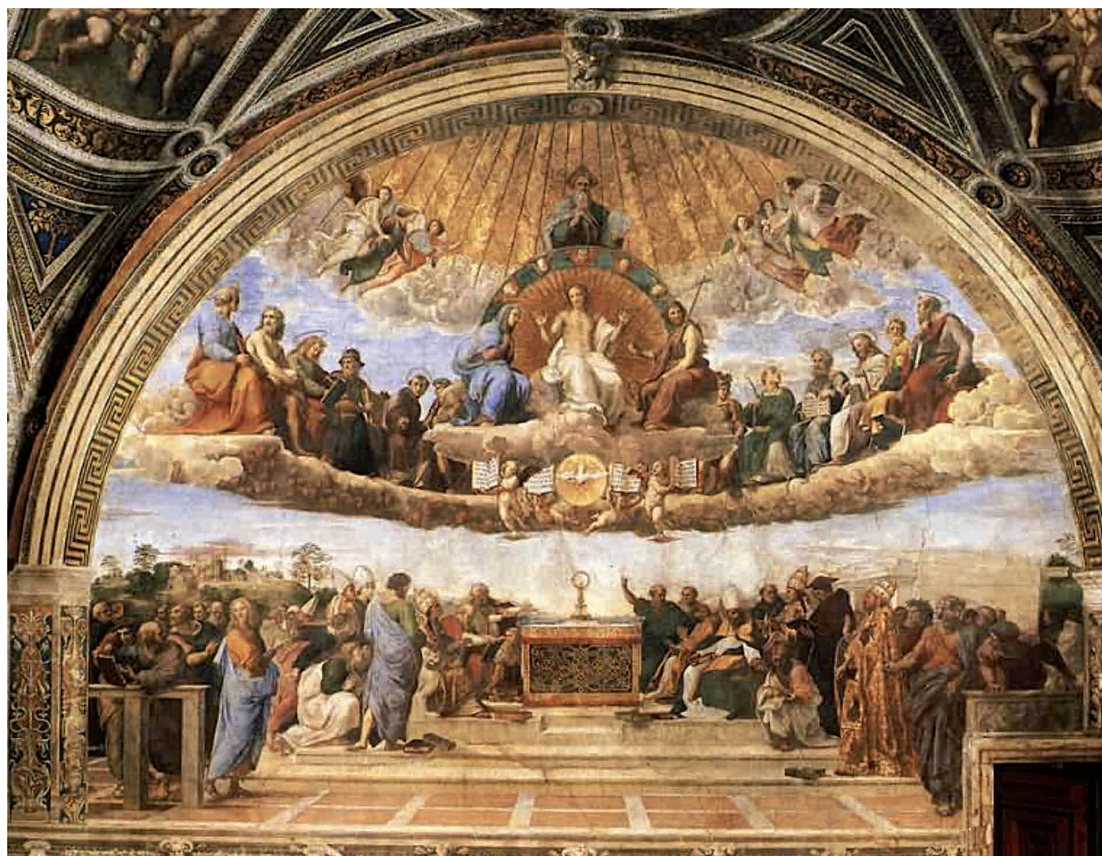
um dos apóstolos disse: «Não vos recordais do que Jesus fez? Não vos recordais do que nos disse, precisamente durante a última ceia?».

A recordação aflorou na consciência de todos. E, certamente, Pedro, que era o chefe designado por Jesus em pessoa, com as mãos trementes, tomou o pão e o cálice do vinho e, com grande comoção, repetiu as palavras e os gestos de Jesus.

Era a segunda Santa Missa.

Como deve ter sido belo aquele momento!

Nos «Atos dos Apóstolos», que são a narração dos primeiros passos da Igreja, são referidos alguns portadores comovedores da vida dos nossos irmãos de fé.



Está escrito assim: «Eram assíduos na escuta do ensinamento dos Apóstolos e na união fraterna e na fração do pão».

A «fração do pão» é a Santa Missa, na qual o sacerdote parte o pão para repetir à letra aquilo que Jesus fez.

Não só. Os «Atos dos Apóstolos» dizem-nos com quais sentimentos os primeiros cristãos celebravam a Missa.

Eis a fotografia deles: «A multidão de quantos haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma».

Pensai como seria maravilhoso se, depois de cada Missa, se visse crescer entre os cristãos o amor fraterno e se lesse nos seus olhos a alegria de viver o mandamento do amor que nos foi deixado por Jesus.

Sempre nos «Atos dos Apóstolos» encontra-se a narração de uma Missa celebrada durante a noite, com um momento de trepidação para todos os que participavam. Uma pequena comunidade de cristãos vivia em Trôade, na atual Turquia: o cristianismo já tinha saído do cenáculo e do berço de Jerusalém.

O Apóstolo Paulo celebrava a Missa e, antes de repetir as palavras e os gestos

de Jesus, falou prolongadamente inflamando os corações de quantos o ouviam.

Mas no quarto fazia calor e um jovem de nome Eutico (que significa «afortunado») sentou-se no peitoril da janela. Terá sido pelo calor ou pelo cansaço, mas o jovem adormeceu e – pensai que susto! – caiu da janela em cima das pedras do caminho. Foi um momento de pânico geral.

O apóstolo Paulo desceu, lançou-se sobre o jovem, abraçou-o e disse: «Estai tranquilos! Está vivo!».

Grande alegria para todos! Voltaram para a sala e continuaram a Missa bendizendo ao Senhor.

Julien Green, um homem que chegou à fé depois de um longo e fadigoso caminho, ficou escandalizado ao ver como os cristãos de hoje participam na Missa.

Quase com desdém escreveu: «O cristãos, vós teríeis ido ao Calvário com a mesma indiferença com que ides à Missa? Teríeis descido do Calvário com a mesma desenvoltura distraída com que saís da Igreja depois da Santa Missa? Contudo em cada Missa o Calvário faz-se presente no meio de vós! Pensais



nisto?».

Tinha perfeitamente razão.

Num escrito antiquíssimo intitulado «Doutrina dos Apóstolos», composto em finais do primeiro século (portanto há mais de 1900 anos!), nós lemos estas lindíssimas palavras em relação à Eucaristia: «Pai, assim como este pão partido antes estava espalhado sobre as colinas e, recolhido, se tornou uma só coisa, também se recolha a Tua Igreja dos confins da terra no Teu reino, pois Tua é a glória e o poder por Jesus Cristo nos séculos!».

E, imediatamente a seguir, este cristão do qual não conhecemos o nome, exorta: «Todos os domingos, dia do Senhor, reuni-vos, parti o pão e dai graças a Deus depois de terdes confessado os vossos pecados a fim de

que o vosso sacrifício seja puro».

Os primeiros cristãos compreendiam que a Eucaristia era um dom maravilhoso de Jesus e, para participar numa Eucaristia, eram capazes de fazer qualquer sacrifício: até levantar-se de noite e percorrer muitos quilómetros a pé.

São Justino, um mártir do segundo século, descreve-nos o domingo dos cristãos de há 1850 anos!

Reparai no que escreve: «No dia chamado do sol – era o nome que os não cristãos davam ao “domingo” – todos os que vivem na cidade assim como quantos vivem no campo, reúnem-se no mesmo lugar e faz-se a leitura das “Memórias dos Apóstolos” e dos escritos dos profetas (=liturgia da Palavra). Quando o leitor terminou, aquele que preside profere um discurso para admoestar e exortar à imitação destes bons exemplos (=homilia do Sacerdote). Depois todos juntos levantam-se e elevamos preces (=oração dos fiéis). Depois é levado o pão, o vinho e a água (=ofertório) e aquele que preside eleva a oração e agradecimento (=Consagração) e o povo exclama: *Amén!* Em seguida, faz-se a distribuição dos alimentos consagrados (=Comunhão)».

Hoje acontece a mesma coisa: a Missa do Cenáculo, a Missa de Jesus ainda é a nossa Missa! Como é lindo tudo isto!

De século para século, a Missa passou pelas mãos de tantíssimos sacerdotes, mas permaneceu idêntica. Há aqui deveras a mão de Deus!

Os primeiros três séculos foram, para nós cristãos,





um longo período de perseguição: infelizmente a novidade e a pureza do Evangelho incomodava o orgulho e a corrupção daquele tempo (como de resto incomoda ainda hoje).

Contudo a Igreja atravessou aquela furiosa tempestade e saiu vencedora.

Como fez? No-lo explica um historiador cristão do quarto século de nome Eusébio de Cesareia. Ele escreve: «Qualquer lugar onde se sofria, tornou-se para nós um lugar no qual celebrar a Eucaristia... que se tratasse de um campo, de um deserto, de um navio, de uma estalagem ou de uma prisão!».

A Eucaristia, ou seja, a Santa Missa, era o momento no qual os cristãos se retemperavam de fortaleza e de amor heroico... e assim derrotavam os perseguidores.

Passam os séculos, mudam os cenários da sociedade, mas o segredo para vencer é sempre o mesmo.

São Francisco de Assis, no século XIII, realizou uma autêntica revolução: fez-se pobre, quando todos queriam tornar-se ricos, fez-se humilde quando todos ardiavam de orgulho, fez-se obediente quando todos bramiam para quebrar os freios da obediência. E produziu uma autêntica inundação de Evangelho no mundo; e, já no seu tempo, muitíssimos jovens o seguiram com

entusiasmo e se fizeram pobres, humildes e obedientes e encontraram uma alegria e uma paz que antes não conheciam.

Onde encontrava Francisco, o pobrezinho de Assis, a força para modificar os hábitos dos seus contemporâneos reconduzindo-os ao vigor do Evangelho?

A resposta é imediata: Francisco de Assis alimentava-se de Eucaristia e a Eucaristia insuflava-lhe no coração o amor de Jesus. E a semelhança com Jesus brilhava na sua vida.

Contam os seus contemporâneos que, quando Francisco de Assis se deslocava a pé de uma terra para outra da Itália a fim de pregar o Evangelho, logo que via de longe um campanário se ajoelhava, porque sabia que ali havia um tabernáculo e no tabernáculo estava a Santa Eucaristia.

E sabeis o que fazia? Adorava Jesus presente no meio de nós por puro amor e rezava: «Senhor Jesus, adoro-Te aqui e em todas as igrejas que estão na terra porque com a Tua Santa Cruz redimiste o mundo!». Que maravilha!

Se hoje nós tivéssemos um bocadinho da sua fé!

Por intercessão de Maria, a maior crente, pedimos o dom de uma fé mais viva, mais convicta: uma fé que nos torne capazes de não opor mais resistência ao amor que se liberta de cada Eucaristia, também desta Eucaristia.

RELATÓRIO DO PADRE LEONARDO SCARINCI

PRIMEIRA PARTE

O Padre Leonardo Scarinci, dos Beneditinos Silvestrinos, nascido em Scheggia – Perúcia – a 2 de fevereiro de 1915, procurador-geral da Ordem, residente no mosteiro de Santo Estêvão do Cacco em Roma, conheceu a Madre Pierina e o seu diretor espiritual, Padre Hildebrando Gregori, superior-geral da Ordem. Durante a segunda guerra mundial foi por três anos capelão na casa das Filhas da Imaculada Conceição da rua Asinio Pollione de Roma, onde a Madre Pierina era superiora. Ao Padre

Leonardo foram dirigidas algumas perguntas às quais respondeu como segue:

1) *Padre, o senhor conheceu a Madre Maria Pierina De Micheli das Filhas de Maria Imaculada de Buenos Aires?*

Sim, conheci pessoalmente a Rev.ma Madre Maria Pierina De Micheli. Tive a ocasião de frequentar o Instituto Espírito Santo do mês de novembro de 1941 ao mês de julho de 1945.

2) *Que relacionamentos teve com a Madre Pierina?*

Para maior clareza, divido a resposta em duas partes: relacionamentos habituais e extraordinários.

A) Relacionamentos habituais

Eram exclusivamente limitados ao cargo de capelão no qual durante três anos me alternei com algum irmão de hábito. Observo que os meus contactos pessoais com a Rev.ma Madre nestes casos, eram breves, essenciais, relativos ao cargo que desempenhava. A Rev.ma Madre nunca se prolongava na sacristia, nem antes nem depois das funções sagradas.

Devo acrescentar ainda que em mais de três anos





nunca falei com outras irmãs, à exceção da Irmã Cesarina, a porteira que, todos os dias, bons ou maus, me recebia sempre com a mesma face serena e com um leve sorriso dizia: «Seja louvado Jesus Cristo! Bem-vindo, Padre», quando me abria o portão, e: «Até logo, Padre, seja louvado Jesus Cristo», quando eu saía pelo mesmo portão.

B) Relacionamentos extraordinários

Chamo-lhe extraordinários, estes contactos, não pela entidade dos acontecimentos em si, mas porque aconteciam em circunstâncias não costumeiras, e por isso tive a oportunidade de conhecer mais de perto e melhor a personalidade da Madre Pierina. Vou citar quatro episódios.

Primeiro episódio

No Instituto Espírito Santo eram preparadas cuidadosamente as crianças que deviam receber pela primeira vez Jesus Eucaristia. A função religiosa realizava-se na capela do mesmo Instituto. Aquele era um dia de grande festa não só para as meninas, para os parentes e para as Irmãs, mas de modo especial para a Madre Pierina. Ela que estava sempre séria, recolhida em si, com o rosto por vezes marcado pelo cansaço e pela dor, naquele dia irradiava uma alegria íntima, profunda, que se via não só no seu rosto, mas em todas as suas expressões. Quando terminava o rito sagrado, a Madre – assim a chamavam as religiosas – dava a cada menina um beijo na testa. Via-se claramente que aquele beijo não era um sinal meramente de cerimônia exterior, mas a expressão viva, diria límpida, de um coração que arde de amor por Je-

sus e pelas almas. Aquele gesto por ela feito estranhamente fazia admirar e, confesso, trazia à minha mente um significado mais alto: a doçura e a ternura com que Jesus abraçava os inocentes.

Segundo episódio

A minha função junto das Irmãs, além de ser capelão, era também o de quase «mestre de cerimônias» em circunstâncias particulares, como as Primeiras Comunhões e as Crismas. Nesses dias eu costumava chegar um pouco antes da cerimônia para ver se tudo o necessário estava pronto. Fiz assim naquele dia da Crisma que era conferida às alunas do Instituto. Logo que cheguei fui controlar a capela: toda iluminada, círios acesos e flores, muitas flores; fui ver também a sacristia: também ali tudo me pa-

recia perfeito. Lindíssimo espetáculo de crianças vestidas de branco, trepidantes e comovidas, em fila duas a duas ao longo do corredor, com a vela na mão, acompanhadas pelas madrinhas. Chegou pontual também o Bispo: foi acolhido com grandes vénias e sorrisos de alegria. Acompanhei imediatamente o celebrante à sacristia, para vestir os paramentos sagrados; ele já tinha a cabeça coroada com a sagrada mitra e estava para sair da sacristia, e eu estava para dar a ordem de início da breve procissão que nos levava à capela, quando uma... luzinha maligna me fulgurou, e perguntei ao Bispo: «Excelência, trouxe o sagrado crisma?». O celebrante, surpreendido e desolado, alargou os braços e respondeu: «Não, Padre». «E que fazemos, Excelência?», respondi. «Procure resolver – respondeu – o mais rápido possível».

Referi a situação à Madre que ficou também ela perturbada e entristecida, mas não perdeu a calma. «Padre, resolvemos imediatamente», disse, e enviou o motorista com o carro procurar o sagrado crisma numa paróquia vizinha. A espera foi muito longa. Passaram quarenta e cinco minutos que pareciam eternos. Eu estava agitadoíssimo. Não me recordo o que fazia o Bispo. A Madre falou com as moças e com os hóspedes e começou a recitar o rosário. Fiquei admirado porque não obstante a longa espe-

ra naquelas condições, não vi agitação nem murmúrios, nem confusão de espécie alguma. Fiquei sobretudo surpreendido com a calma da Madre, que sem dúvida interiormente sentia o transtorno da espera. Ela soube manter um absoluto e completo controle de si, comunicando aos outros muita serenidade. Finalmente o óleo sagrado chegou! A função desenrolou-se regularmente e com alegria, com a luz do Espírito Santo, envolveu o ânimo de todos.

Terceiro episódio

Este fato aconteceu também por ocasião da administração do sacramento da Confirmação. Mais uma vez as meninas vestidas de branco, em fila, umas ao lado das outras com a vela acesa na mão, preparavam-se para a cerimônia sagrada com a mesma ansiosa alegria que brilhava nos seus rostos de anjinhos. De repente ouviu-se primeiro um murmúrio, depois um grito: fogo! Viram-se as chamas. O vestido branco de uma menina estava a arder. Todos ficaram espantados e assustados, prevendo as possíveis consequências. Foi um instante! A Madre acorreu. As chamas foram apagadas. Ao chegar o Bispo, o rito realizou-se regularmente e terminou com alegria dupla: pela descida do Espírito Santo sobre aquelas almas puras como os seus vestidos e pelo perigo evitado.



Também nesta circunstância, recorro, a Madre Pierina não perdeu a sua normal calma; correu para apagar as chamas, mas depois não fez comentário algum, nem proferiu palavra alguma.

Quarto episódio

Tive um contacto mais estreitamente pessoal com a Madre Pierina nos dias do armistício de 8 de setembro de 1943. É oportuno adiantar que, considerando o andamento bélico, a própria Madre, pensando que o Instituto do Espírito Santo se encontrava numa posição particularmente exposta em caso de invasão da cidade por parte das tropas inimigas, considerou com clarividência que era indispensável transferir a escola e a comunidade para uma área mais segura da cidade. De fato alugou alguns locais no Palácio Altieri, situado na rua dos «Astalli», lugar muito próximo da nossa Cúria Generalícia situada na rua «Santo Stefano del Cacco». Recordo que alguns dos nossos monges, por ordem do Padre Abade Gregori, trabalharam alguns dias para adaptar melhor esses locais, sobretudo no respeitante à instalação elétrica. Infelizmente o que a Madre Pierina tinha previsto aconteceu. Declarado o armistício, os alemães entraram a Roma e ocuparam-na, já não como aliados, mas como inimigos. Uma das batalhas mais fortes deu-se precisamente na Porta de São Paulo, perto do Instituto do Espírito Santo.

Na tarde daquele dia, estando o Padre Gregori fora de Roma, eu, que o substituí em muitas funções, ao tomar conhecimento da batalha na Porta de São Paulo, senti a necessidade de visitar o Instituto, para ver o que tinha acontecido e para prestar alguma ajuda, se fosse

necessário, dado que também um pequeno número de Irmãs tinham ficado escondidas no subterrâneo da casa para vigiar. Encontrei o grupo das religiosas assustadas, no jardim em volta da Madre. Tinha havido uma batalha de manhã que tinha feito vítimas: com os meus olhos, eu vi oito cadáveres, nas escadas do «Palazzo delle Poste».

Falei um pouco com as Irmãs. Contaram-me o que tinham ouvido e visto; acompanharam-me a verificar os danos ao prédio. Depois a Madre Pierina afastou-se das outras para me falar a sós: reparei no seu rosto. Estava serena, muito serena. Repetia-me: «Padre, estamos nas mãos de Deus e portanto estamos tranquilas. Levamos tudo embora; o pouco dinheiro que temos em Títulos do Tesouro temos aqui escondidos», indicando-me o peito com a mão. Compreendi que me dizia estas coisas com simplicidade e confiança, como uma confissão, para que se lhe acontecesse alguma coisa, eu estivesse ao corrente.

Compreendi então que a Madre Pierina era uma mulher não só providente e prudente, mas uma mulher forte, secreta, que transmitia paz e segurança também naqueles momentos deveras trágicos. As suas filhas sentiam-se seguras porque tinham-na ao seu lado. Mas vi sobretudo nela a mulher de fé, totalmente abandonada nos braços da Divina



Providência. Repetia: «Pai, estamos nas mãos do Senhor!». A sua verdadeira fortaleza não eram os Títulos do Tesouro que tinha escondidos no seio, mas Jesus, que sentia vivo no seu coração.

3) *O senhor contou-nos um episódio de tempos difíceis: batalha no centro da cidade de Roma: alemães às portas da casa religiosa: o Instituto atingido e danificado pelas bombas... Como viu a Madre Pierina naquelas situações: mulher com domínio de si ou mulher de nervos frágeis que pode perder o controle?*

Via-a serena e tranquila. Repetia: «Estamos nas mãos de Deus e por isso estamos tranquilas». Não vi nela nem um gesto nem uma expressão de agitação ou de perturbação. Naquele momento eu estava ao lado dela; e revelou só a mim, como disse acima, onde tinha escondido toda... a riqueza do Instituto. A Madre Pierina era uma mulher prática, uma mulher que sabe enfrentar perigos graves até nos momentos difíceis e agitados. Por vezes a víamos cansada, fatigada; outras vezes intuía-se que estava interiormente afligida, mas externamente nunca a manifestava. Repito: a Madre Pierina era uma mulher que essencialmente mantinha o domínio de si, que controlava cada uma das suas ações. Pensar nela diversamente pareceria-me uma anomalia e uma contradição da sua personalidade, como se tivesse que forçar a minha



mente para falsear as notas características de um rosto que conhecia muito bem, como o da minha mãe.

4) *Quando as Irmãs se transferiram para o palácio «Altieri», não havia meios de transporte fáceis, havia confusão... Como viu a Madre, agitada, nervosa?*

Nada posso dizer a propósito, não assisti à transferência das Irmãs. Nós colaborámos apenas na preparação dos locais. Devo acrescentar que o fizemos com muita alegria, como se viessem habitar «irmãs» perto de nós.

5) *A Madre Pierina ia algumas vezes ao mosteiro de S. «Stefano del Cacco»?*

Para maior clareza respondo que ela vinha à nossa casa para questões pessoais e em solenidades particulares.

Questões pessoais

Para as questões pessoais a Madre Pierina não vinha com muita frequência; era muito discreta, esperava o Padre Abade Gregori na igreja; se o Padre tardava, permanecia ali diante do Santíssimo Sacramento: rezava... e esperava.

Solenidades particulares

Pontualmente e sem nunca faltar vinha à nossa igreja a 26 de novembro para a festa de São Silvestre Abade. Enviava muitas flores; com ela trazia algumas irmãs e as alunas porque aquele dia era solene, não só para os monges filhos de São Silvestre, mas também para ela e para o seu Instituto.

Vinha ainda à nossa igreja para particulares funções religiosas, como as profissões solenes dos monges e as primeiras missas dos nossos sacerdotes. Nessas ocasiões a Madre Pierina era radiosa: não sabia esconder toda a sua alegria e participação.

Fim da primeira parte

NÃO UMA IDEIA, MAS UMA FACE: A FACE DE JESUS

Na obra da redenção do século XX – do nosso tempo – Deus chamou a Madre Pierina De Micheli desde a sua infância a uma vocação singular: confia-lhe o culto da

Sagrada Face do seu Filho Jesus, e a missão de correr o mundo, em primeiro lugar os consagrados, os sacerdotes, a juventude. Mas por que precisamente o coração e a dedicação à Sagrada Face de Jesus? Por que Satanás a atormenta de maneira tão forte?

No século XVII, quando o Jansenismo, com a sua aspereza e a excessiva severidade afastava as almas de Deus, Jesus revela o seu coração divino, sacrário de Verdade e de amor infinito, a Santa Margarida Maria Alacoque e, por meio dela, a São Cláudio La Colombière. Pede para dar a conhecer à Igreja e ao mundo que as almas são atraídas por Ele, para as retribuir com amor, para lhes oferecer reparação dos pecados dos homens, sobretudo dos consagrados.

O culto do Coração de Jesus atravessa os séculos e chega até nós, ao ápice da encíclica *Haurietis aquas in gaudium* (1956) na qual o venerável Santo Padre Pio XII define a devoção ao Sagrado Coração: «*Maxima professio catholicae fidei*». Graças ao amor ao Coração de Jesus tem-se um florescimento maravilhoso: de santidade nas almas, de vocações e de novas fundações, de impul-



so missionário. O culto ao Coração de Jesus é dedicação sem limites à sua adorável Pessoa que se manifesta, a nível altíssimo nas almas santas, no tempo das ideologias mais negativas.

No lugar delas, pensa-se que bastam os valores humanos, para dar orientação válida e nova ao mundo: pensa-se que o saber humano seja suficiente para resolver qualquer problema. O homem que se torna Deus para si mesmo, por conseguinte medida de todas as coisas, tácita ou abertamente orgulha-se de não precisar de outros além de si mesmo. Na realidade não pode viver sem Jesus Cristo: «Sem mim – declarou Jesus – nada podeis fazer» (Jo 15, 5).

Jesus nosso contemporâneo

O século XX, o nosso incipiente século XXI, é o tempo das imagens e das ideias veiculadas pelas imagens, nos modernos meios de comunicação de massa, dos jornais à televisão e internet. Precisamente em 1898, Jesus, através da fotografia excepcional tirada por Secondo Pia ao Sudário de Turim, revelou a sua imagem, a sua Face.

Entretanto, em meados do século XIX, partindo da França, começou a difundir-se o culto e a devoção à Sagrada Face de Jesus. Neste século que se orgulha de «ideias» e de «valores» é também o tempo das imagens, como nunca antes tinha sido, Jesus, tendo revelado o seu Coração em toda a sua altura e profundidade, revela a sua Face. Não ideias nem valores por muito excelentes que sejam, como fazem os professores, mas uma Face, uma Pessoa viva, fascinante, encantadora. Não uma sabedoria apenas humana – uma gnose – mas o Coração, a Face, a Pessoa adorável de Jesus, o Homem-Deus.

Jesus não propõe só uma espiritualidade, mas «uma vida a dois», «uma história de amor», um romance de amor: Jesus é o único. A Face de Jesus é única. A Pessoa adorável de Jesus é única. O culto ao Coração de Jesus, à Face de Jesus, é culto, adoração, amor, reparação, dedicação, súplica à sua Pessoa. Uma realidade concreta, palpável, visível: Jesus Menino, Jesus Mestre, Jesus Mártir crucificado. Jesus Eucarístico. Jesus



ressuscitado. Jesus único.

É esta a «boa nova» do Catolicismo: o Evangelho. Haverá quem diga que as notícias hoje chegam em tempo real, enquanto que Jesus e o seu Evangelho, ao contrário, pertencem ao passado. Na realidade, Jesus, o Coração, a sua Face, a sua Obra, a sua Pessoa, não são do passado, mas sim de hoje, porque Jesus, o Homem-Deus, transcende todos os tempos e todos

os lugares. Sendo o Filho de Deus, é contemporâneo de cada homem, de todos os tempos. Jesus chega ao homem e ao jovem de hoje, deveras em tempo real. Jesus é nosso contemporâneo e nós somos os contemporâneos de Jesus. O seu Coração ama-me agora. A Face com o seu olhar fita-me agora.

Tudo nasce desta contemporaneidade entre Jesus e cada um de nós. Qualquer conversão a Jesus, à oferenda a Ele e por Ele, a história nova à sua imagem e semelhança, realiza-se porque Jesus é nosso contemporâneo. Diversamente, seríamos apenas cultores de história, «memorialistas», e não cristãos-católicos comprometidos com Jesus, Mestre, Amigo, Senhor, Esposo e Vida da alma, na mais nobre e sublime relação de Verdade e de amor, de vida sobrenatural, de vida eterna.

Ao contrário, Satanás não quer tudo isto. Satanás não quer a contemporaneidade com Jesus, da qual nasce a intimidade profunda com Ele, que tirando os pecados, nos torna um n'Ele, por Deus: o Cristo-teocentrismo, que tudo resolve. Satanás pretende reduzir o Catolicismo a uma ideia, a um conjunto de valores, até válidos, mas sem Cristo. Satanás chegou a favorecer, no nosso tempo, o surgimento de «teologias sem Cristo» que tendem somente a adequar-se às modas de hoje, afastando-se da Verdade do Evangelho pregado e difundido pelos apóstolos e pela perene Tradição da Igreja, a exaltar apenas a sabedoria humana, como única fonte de conhecimento e de construção do homem. Eis a gnose, a gnose falsa.

Satanás bate-se contra Jesus e contra todos os que promovem a Sua realeza sobre as almas e sobre a história. Satanás prefere as ideias e os valores porque ideias e valores deixam o homem tal como ele é, no seu pecado, e não redimem nem salvam o homem. Não o libertam do pecado nem da morte, nem lhe comunicam a vida sobrenatural da graça santificadora. Ao contrário Jesus, as suas Chagas sangrentas e gloriosas, a sua Face doce e forte, desfigurada e transfigurada por amor, realizam a obra da redenção do pecado, salvando o homem e a sociedade no seu destino terreno e eterno. Se for acolhido com fidelidade e amor aos seus Mandamentos, Jesus liberta-se do inferno eterno e se doa.

«Faz resplandecer a tua Face»

A Madre Pierina De Micheli recebeu de Deus um dom específico – o «carisma», como se diz hoje, de viver a atração, o fascínio singular e único desta Face Divina e radiosa de Jesus, de lhe consagrar a existência e o apostolado, de orientar a atração do homem de hoje, do nosso tempo, para a Face de Jesus, como única fonte de salvação nesta vida e no Além, e por conseguinte, de superar esta insuficiente e contudo soberba afirmação dos valores humanos, incapazes de dar sentido à vida e de trazer salvação: homem algum se pode saciar consigo mesmo

e muito menos se pode salvar sozinho, mas é necessário que o olhar se oriente para a Face. Para Aquele que para glória de Deus e em expiação dos pecados, foi trespassado (19, 7) e olhe para Ele ininterruptamente.

Desde quando na Sexta-Feira Santa de 1902, Jesus, durante a adoração da Cruz, lhe pedira um beijo na sua Face ultrajada de Crucificado, tinha crescido em Pierina De Micheli um amor cada vez mais intenso por aquela Face humano-divina, e Jesus tinha-se revelado a ela pedindo-lhe precisamente isto. A Madre Pierina respondeu àquele convite de Jesus com o mais pleno heroísmo, aceitando consumir a sua vida para fazer conhecer e amar a Sagrada Face de Jesus (pensemos na difusão da sua «medalha», para reparar os pecados dos homens e para a santificação dos sacerdotes, enfrentando uma luta contínua contra Satanás com sofrimentos indizíveis).

A Madre – que em 2010 foi elevada à honra dos altares – não nos indica nada e nenhum outro, para a solução dos nossos problemas, para a nossa redenção e salvação nesta vida e no Além, para uma nova primavera de santidade e de vocações sacerdotais e religiosas, a não ser esta Face, o próprio Jesus, que hoje e sempre, é o Sol divino, o único Sol do mundo e da eternidade. «Faz resplandecer, ó Senhor, a tua Face sobre nós». Fica conosco, Jesus».

Missionária da
SAGRADA FACE
BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI**126**

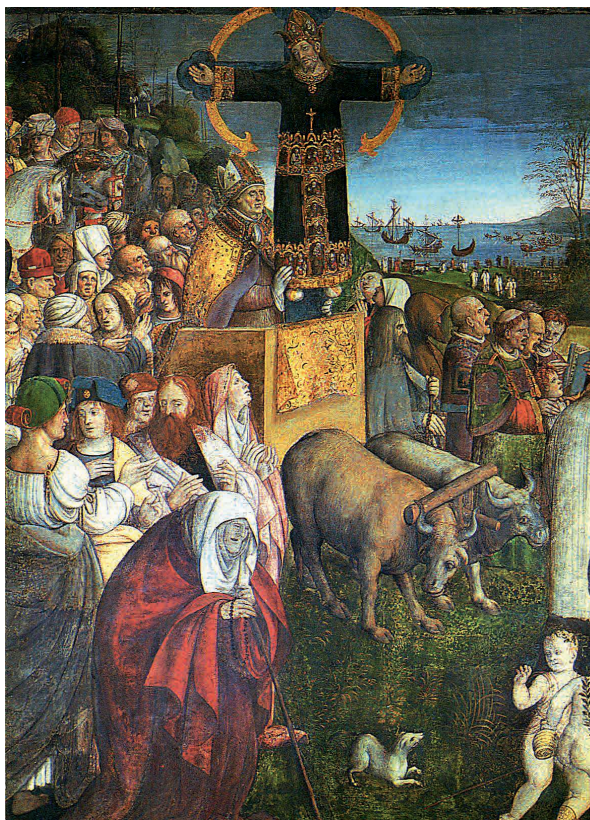
A CHEGADA DA SAGRADA FACE A LUCCA

A «lenda» da Sagrada Face narra acerca do Crucifixo esculpido por Nicodemos, o «discípulo oculto» de Jesus. O objeto sagrado permanece esquecido durante mais de setecentos anos em Ramla, uma cidade da Palestina. Nela é reencontrado, por inspiração de um anjo que lhe apareceu em sonho, por Gualfredo, bispo sub-alpino peregrino na Terra Santa com o seu séquito, que o leva ao porto de Joppa, a atual Jaffa, onde o carrega numa embarcação, que lacra com betume e confia ao mar sem tripulação, implorando a divina providência que o conduza para terras cristãs. A embarcação, depois de ter atravessado milagrosamente grande parte do Mediterrâneo, chega ao largo das costas de Luni, não distante da Bocca di Magra. Os lunenses, marinheiros peritos, que se dedicavam ao comércio marítimo, mas também à pirataria, lançam ao mar os barcos, para assaltar aquela embarcação abandonada; mas inutilmente, porque, a qualquer tentativa de chegar até ela, a embarcação retorna o largo afastando-se deles.

Entretanto, em Lucca, um anjo aparece em sonhos ao bispo, o beato João I, revelando-lhe a chegada a Luni da Sagrada Face e comandando-lhe que se desloque àquela localidade com o clero e com os mais importantes do povo, para a levar para Lucca. Ao chegar ao porto com o seu séquito, o bispo vê os habitantes de Luni que procuram de novo alcançar a embarcação com remos e velas, e esta que se afasta subtraindo-se aos seus ganchos. O beato João indica por gestos aos marinheiros que parem, e exorta todos a pedir a ajuda de Deus; a este ponto, a nave dirige-se espontaneamente em direção a ele, que abre as escotilhas e entra com os seus no porão, onde encontram a Sagrada Face, à vista da qual todos começam a chorar de alegria e entoam o *Gloria in excelsis*.

Surge depois uma contenda entre os habitantes de Lucca e os de Luni sobre qual das duas cidades tenha o direito de conservar o simulacro. Primeiro o bispo João extrai de dentro da estátua algumas das relíquias nela

contidas, entre as quais uma das duas ampolas do sangue de Jesus Cristo que hoje se encontra em Sarzana, a outra é atualmente venerada em Lucca em São Ferdinando, e entrega-as ao bispo de Luni; depois recorre-se à celeberrima «prova dos bezerros indomados»: a Sagrada Face é içada sobre um carro ricamente adornado, ao qual são amarrados dois vitelos sem a canga. Deixados livres de irem embora, os animais dirigem-se para Lucca: face ao resultado deste «juízo de Deus», os lunenses voltam para sua casa, enquanto o bispo João sobe para o carro, que, circundado pelos demais habitantes de Lucca, chega triunfalmente àquela cidade ao anoitecer. Corria o ano de 782, o segundo do reinado comum de Carlos Magno e de Pipino II.



NOS POBRES O REFLEXO DE CRISTO

Publicamos a homilia da Missa celebrada pelo padre Luca Maria de Girolamo, da Ordem dos Servos de Maria, na quinta-feira 26 de maio, na Capela do Instituto Espírito Santo de Roma.

A vida humana e espiritual de São Filipe Néri caracteriza-se pela caridade que ele soube oferecer num tempo de grandes desordens e de muita pobreza na cidade de Roma do século XVI.

Florentino de nascimento, Filipe Néri, vive os seus 80 anos (1515-1595) distinguindo-se na doação aos pobres.

Doação é também a característica da família religiosa por ele fundada: os Padres do Oratório dedicados a uma ação pastoral e de recuperação das marginalidades, em vasto âmbito, incluída a reorganização pastoral.

De particular importância é a recuperação dos jovens de rua oferecendo-lhes uma educação que se distingue pelo bom humor, que não significa superficialidade. Um bom humor que, em Filipe, provém de uma forte e intensa vida espiritual com características místicas. Como para São Francisco de Assis, Filipe Néri gozou de grande popularidade cinematográfica.

Confiemo-nos então à sua intercessão o nosso pedido de perdão pelos nossos pecados, no início desta Santa Missa em recordação mensal da beata M. Pierina.

A vicissitude do cego Bartimeu narrada com o estilo particularmente pitoresco do evangelista Marcos, presta-se para diversas considerações, entre si relacionadas. Antes de tudo sobre a condição de debilidade própria deste homem posto à margem da sociedade e, ainda por cima, privado da possibilidade de expressar e denunciar o seu mal-estar em relação àquele que o pode ajudar.

Há de fato um reconhecimento de fundo por parte do cego daquela que é a identidade de Jesus. Ele aparece-nos quase como uma espécie de profissão de fé ou, melhor ainda, de confiança.

Mas diante deste comportamento, eis que surge o preconceito que chega a privar da palavra este homem que, contudo, não deixa de ter confiança e pede consideração pelo seu estado de pecador.

«Tem piedade de mim»: é uma invocação que habitualmente repetimos e algumas vezes talvez com um certo descuido, mas ao lado do pedido, esta frase põe a nu a nossa debilidade. Todos nos podemos reconhecer neste homem no qual, contudo, se realiza uma passagem pascal: da cegueira à faculdade de poder ver. Uma rea-

quisição que é um dom da parte de Jesus para com uma humanidade que, ao reconhecer a própria situação, sabe voltar a confiar n'Aquele que tudo pode.

Mas o dom não continua: Jesus não é o único que doa, também Bartimeu – nos é dito – quando se cura segue Jesus. Um seguir ao longo de um caminho que não é só urbano ou geográfico, mas existencial e vital.

Contudo, o Evangelho de hoje nada mais nos diz neste episódio, mas é claro que não podemos ignorar as muitas situações nas quais Jesus recorda que a aquisição da salvação consiste em permanecer em comunhão com Ele descurando aquilo que não serve e que é supérfluo.

Precisamente no seguir Cristo, no deixar-se interpelar por Ele somos constituídos – como recorda Pedro na 1ª Leitura – estirpe eleita, sacerdócio real e nação santa. Nisto consiste toda a novidade que Deus nos oferece e que, por nossa vez, somos chamados a fazer circular.

Só percorrendo este caminho, que não é simples, de compromisso, é possível fazer sobressair a novidade de Deus: foi

Missionária da
SAGRADA FACE
BEATA MARIA PIERINA DE MICHELI

126

quanto fizeram os santos e as santas que veneramos e consideramos existências teológicas, ou seja, vidas que falam de Deus e expressam a sua grandeza e amor.

O itinerário de Filipe Néri foi precisamente este: ir ao encontro de quantos, na sua época, se reconheciam em Bartimeu o cego, necessitado e desejoso de resgate.

Um ensinamento imediato que vem ao encontro das nossas dificuldades que se reconhecem e se sintetizam em Cristo que, no nosso sofrimento, se aproxima constantemente de nós, antes que nós

próprios olhemos para Ele como para o homem das dores, que conhece bem o sofrimento e, ao mesmo tempo, como o Deus poderoso e vencedor do pecado, do mal e da morte.

É a Sagrada Face que Maria Pierina conheceu e experimentou partilhando a sua vitória contra o Maligno e as terríveis tentações que ritmaram a sua existência.

É a Face que São Filipe Néri vê nos pobres que a ele se dirigem, como Bartimeu se dirige a Jesus.



DAS CARTAS DA BEATA

Ave + Maria
7-9-44 — Roma

Meu caríssimo padre Riccardo
Jesus!

Recebo finalmente a tua carta registada. São tempos de agonia para todos, e as notícias são muito desejadas. Ouvem-se tantas coisas, que deveras algumas vezes se apresenta o turbamento, mas depois num ato de confiança n'Àquele que tudo pode, e em frente com coragem. Juntamente com a tua registada chegou a carta de Angelina. Rezo para que possa encontrar, como ela me diz, um bom trabalho. Certamente nestes momentos devem fazer-se grandes sacrifícios, até porque as famílias estão divididas, mas esperamos que volte a tranquilidade.

Com esta envio-te o cheque para n. 25 Santas Missas, que podes celebrar quando julgares. Mas apreciaria que me enviasses uma resposta para minha tranquilidade.

A nossa casa de Via Elba não está em boas condições, mas agradecemos ao Senhor porque podia ser pior. As Irmãs estão

todas fora. Recomenda-me ao Senhor porque tenho tanta necessidade. A Irmã M. Teofila está bem, está nos Exercícios.

Amanhã e depois de amanhã a Comunhão será pela nossa querida Giovanna e por ti. Ela intercederá junto de Jesus por ti, por todos vós. Diz à Angelina que lhe escreverei, mas que também ela me mantenha informada, porque me parece estar num deserto. Pensa-se em todos e não se recebe nada!... fiat!

Abençoa a tua afeiçoada irmã

Irmã M. Pierina



Tríduo à Sagrada Face de Jesus

Para implorar qualquer graça

1) Sagrada Face, meu único bem, a Ti recorro com confiança e imploro esta graça... Pelas Tuas santas lágrimas conforta-me, ó Jesus, e satisfaz o meu pedido por intercessão de Maria Santíssima e de São José. Pater – Ave – Gloria.

2) Sagrada Face de Jesus, meu amor e meu tudo, a Ti recorro com fé profunda, não serei desiludida. A suavidade dos Teus olhos divinos atraí-me para Ti, apaixoná-me, olha para mim, ó Jesus, e concede-me esta graça... Pater – Ave – Gloria.

3) Sagrada Face de Jesus, minha alegria e meu tesouro, a Ti recorro cheia de confiança nas Tuas misericórdias infinitas. É verdade que não sou digna de ser ouvida, contudo espero, ó Jesus, da Tua bondade, esta graça que humildemente Te peço... Pater – Ave – Gloria.

Senhor, mostra-nos a Tua Face e seremos salvos!

Oração: Salvador Divino que Te dignaste deixar impresso no véu de Verônica os traços da Tua Adorável Face, concede-nos, Te suplicamos, a contrição dos nossos e dos pecados dos outros, especialmente da blasfema, e faz de nós Tuas fervorosas Apóstolas e Tuas Verônicas piedosas, Amen.

Pai eterno, nós te oferecemos a Face Adorável de Jesus e Tu concede-nos esta graça.

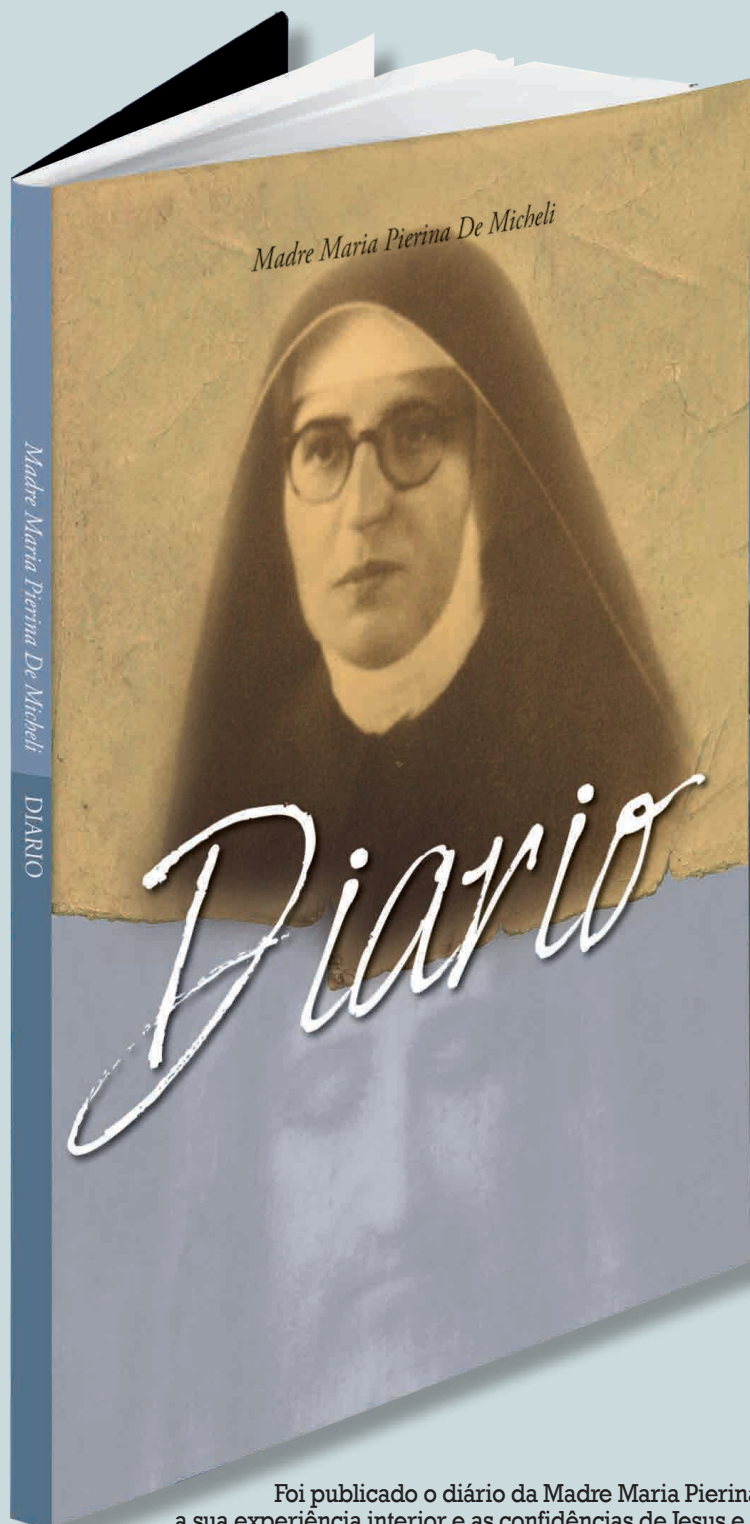
Do diário da Beata Maria Pierina de Micheli (24 de julho de 1941)

Encerramento dos Sagrados Exercícios. Durante a noite exposição do Santíssimo Sacramento! Que graça! Nas horas passadas diante de Jesus, foi luta e trevas densas. No momento de sair pedi perdão a Jesus por não ter sabido confortá-lo e estar com Ele amando. Jesus respondeu-me: «Se tu soubesses quanto amor me deste nesta luta, morrerias de alegria», acrescentando eu que me deixasse sempre assim, disse-me: «Tu confortas-me e queres que eu renuncie a confortar-te». Fizeram-se luz e paz na minha alma; teria desejado permanecer, mas antes de tudo a obediência...

A 26 de cada mês une-te a nós que participamos na Santa Missa celebrada na Capela do nosso Instituto em memória da Beata Maria Pierina De Micheli, no aniversário da sua morte.

Quem tiver intenções particulares pode enviá-las por correio à seguinte direção: Instituto Spirito Santo - Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma
ou por email: madrepierina@gmail.com

Rezaremos por vós e colocaremos as vossas súplicas sobre o túmulo da Beata.



Madre Maria Pierina De Micheli

Madre Maria Pierina De Micheli

DIÁRIO

Diário

AVISO:

Foi publicado o diário da Madre Maria Pierina De Micheli que reúne a sua experiência interior e as confidências de Jesus e da Virgem Maria sobre a devoção à Sagrada Face.

A nova edição foi amplamente revista e enriquecida com uma introdução.

Quem estiver interessado pode solicitar o volume a:

Istituto Spirito Santo - Via Asinio Pollione, 5 - 00153 Roma - Tel./fax: 06 57302430 - email: crfic@libero.it